

## PODER

## Um (incômodo) trompete ao longe

Fabiano Leitão rouba a cena ao tocar a Marcha Fúnebre para Bolsonaro, horas depois de o ex-presidente tornar-se réu

» LUANA PATRIOLINO  
» RENATA GIRALDI

Réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por tentativa de golpe de Estado, Jair Bolsonaro escolheu, estrategicamente, conceder a primeira entrevista coletiva na lateral do Senado, na quarta-feira passada. O que ele não esperava era que uma trilha sonora vinda do horizonte fosse roubar aquele momento do ex-presidente. É que o músico Fabiano Leitão, de 49 anos, conhecido como “Trom Petista”, escolheu uma seleção especial de músicas em homenagem à decisão do STF.

Assim, de uma só vez, o “Trom Petista” tocou no seu trompete a *Marcha Fúnebre* e a paródia musical *Tá na Hora do Jair já ir Embora*. O som era tão intenso que a entrevista teve de ser interrompida mais de uma vez. O próprio Bolsonaro sorriu, tentou disfarçar o incômodo e fez piada: “Saudades dos meus tempos de quartel com o toque de corneta”. As imagens correram as redes sociais.

Ao *Correio Braziliense*, Fabiano disse que ele e o ex-presidente “são velhos conhecidos”. “Infernizo a vida dele (Bolsonaro) desde que ele se tornou presidente. Jamais deixo meu trompete. Ele está sempre comigo”, afirma.

A presença de Fabiano realmente incomodou. Parlamentares ligados a Bolsonaro solicitaram que policiais legislativos o impedissem de executar a seleção musical que escolhera para aquele momento — conforme atestam vídeos que circularam pelas redes. Não conseguiram. O trompetista discutiu com os agentes — que argumentaram estar Fabiano atrapalhando o “trabalho” das pessoas —, mas não saiu da calçada na pista entre o Senado e o Palácio do Planalto. Depois de uma breve discussão, voltou a tocar.

Se o político é, na sua visão, antidemocrático, Fabiano vai lá e põe a boca no trompete. Assim, houve “manifestações” contra Mauricio Macri, ex-presidente argentino de centro-direita, em visita a Brasília, e ao ministro Luiz Fux, do Supremo, ao suspender

Ricardo Stuckert/PR



“Trom Petista” com Lula: quando o presidente estava preso em Curitiba, o músico ia para frente da sede da PF e tocava como forma de apoio

Fotos: Reproduções/Túlio Amâncio/TV Band



Em frente ao Senado, Fabiano toca em protesto contra Bolsonaro

as investigações contra Fabrício Queiroz, ex-assessor do hoje senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) nos tempos em que era deputado estadual no Rio de Janeiro.

Para ambos, o trompetista tocou *Speak Softly, Love*, música tema de *O Poderoso Chefão*, o clássico cinematográfico de Francis Ford Coppola sobre a máfia, e a canção infantil *Marcha Soldado*, encerrando com a *Marcha Fúnebre*.

Leitão escancara sua admiração pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o PT — adotou o

codinome do Trom Petista. Segundo ele, essa paixão foi cuidadosamente cultivada em casa. “Minha mãe é muito petista, muito lulista. Minha tia, também. E, aí, elas sempre me incentivavam. Elas eram e ainda são muito engajadas”, diz.

Fabiano disse que foi “pelo menos 20 vezes” a Curitiba para fazer “serenatas” para Lula, enquanto estava preso na sede da Polícia Federal (PF) por causa da condenação na Operação Lava-Jato. “Eu, que sou vascaíno, tocava até o hino do Corinthians para

ele. A filha dele me falava as músicas de que ele gostava, e eu tocava”, relembra.

No governo Bolsonaro, o músico participou de vários protestos contra o ex-presidente. “O primeiro ato contra ele foi quando ele virou presidente da República e fez a primeira visita no STF. Talvez essa manifestação tenha sido um das mais perigosas da minha vida. Porque ele foi fazer uma visita de cortesia para os ministros e, logo após, eu tirei o trompete da caixa. Tirei com muito

cuidado porque já tinha avisado os snipers (atiradores de precisão) e, eu mostrei: ‘Olha, é um trompete’”, afirma.

Fabiano pensou em trocar a carreira artística pela política, ao se candidatar como deputado distrital. Ficou como suplente. Agora, diverte-se como universitário, cursando relações internacionais. “Sou um coroa de 45 anos, tendo a oportunidade pela primeira vez de fazer um curso superior. Eu sou o tiozão da parada. E adoro meus colegas”, afirma.

## Três perguntas para

**Fabiano Leitão, 49 anos, músico, militante e manifestante político**

**O que o senhor pretendia ao tocar no momento em que o ex-presidente Jair Bolsonaro concedia entrevista coletiva, no mesmo dia em que foi declarado réu pelo Supremo Tribunal Federal?**

Primeiro, é uma tarefa política. Tinha um objetivo, que é desestabilizá-lo. E ele demonstrou que estava desestabilizado. Porque quando um político, e eu creio que ele é um político experiente, para de falar, a ação política contra ele fica maior do que ele próprio. É porque ele parou de formular política. Por exemplo: eu invadi mais ou menos 24 links (de transmissão de tv) da Globo quando o presidente Lula estava preso, tocando o *O-Lê-O-Lê-O-Lá*. E jamais um repórter parou de falar. O som, a potência sonora era quase a mesma. Isso mostra que, realmente, o Bolsonaro, no primeiro impacto, a primeira coisa que faz é mudar a feição dele para uma feição de ódio. Ele ficou assim, porque ele sabia. Já fiz isso várias vezes.

**O som do trompete transmitiu a mensagem, então?**

Sem dúvida. Porque a mensagem semiótica daquela manifestação é que, ali, estava começando o velório. Quando morre alguém, a gente vela o corpo e depois sepulta aquele corpo. E como está iniciando esse processo, ele virou réu. Ali é o começo do velório político dele.

**O senhor acredita que a *Marcha Fúnebre* será associada ao ex-presidente?**

Nem tenho pretensão disso. Acho que eu só cumpri tarefa. Se as pessoas reconhecem isso, que bom. Não foi a primeira vez. Inclusive, quando, no dia seguinte em que o Lula venceu as eleições, fui lá irritar (o Bolsonaro), enfim, anunciar a vitória no Palácio do Planalto. Fui lá para falar: ‘Sai daí, Jair’. Ele não estava querendo aceitar o resultado das eleições. E, em seguida, às seis da manhã, no Palácio do Alvorada, tocava lá para estabilizar ele. Tocava as músicas do Lula e outras (canções).

## “Papagaios de pirata” roubam a cena dos famosos

Eles surgem de repente. São ilustres desconhecidos que, de tão próximos das celebridades e autoridades, ficam mais evidenciados do que o protagonista dos fatos. No Brasil, alguns “papagaios de pirata” se tornaram lendários.

Como o português José Alves de Moura, o “Beijoqueiro”, hoje com 85 anos. Dele, nem o papa João Paulo II escapou. Na visita a São Paulo, em 1980, Zé Moura furou o esquema de segurança e o beijou.

Assim, nos anos de 1980 e

1990, era difícil autoridade nacional ou internacional fugir do “Beijoqueiro”. Quando menos se esperava, ele surgia. A lista dos que “ganham” beijos dele inclui Frank Sinatra, Roberto Carlos, o ex-presidente João Baptista Figueiredo, Zico e até Garrincha.

O “hábito” de pegar as pessoas desprevenidas e beijá-las rendeu alguns safanões e ações judiciais ao “Beijoqueiro”. Foi preso mais de 70 vezes e, por causa das agressões de seguranças dos

famosos, teve várias partes do corpo fraturadas.

Alguns papagaios de pirata se “especializaram”: em política, sequestros e reportagens, casos de Jaime Dias Sabino, Wilmar Palis e Luciano Ezequiel de Lima.

O baiano “Jaiminho” se mudou para o Rio e, ali, virou figura conhecida dos enterros de famosos. Sua presença é percebida desde o velório do ex-presidente Getúlio Vargas. Virou, inclusive, tema do

curta-metragem *Truques, xaropes e outros artigos de confiança*, de Eduardo Goldenstein, em 2004. “Jaiminho” morreu no Rio de Janeiro, em 2013.

O ex-deputado Wilmar Palis integrava o chamado “baixo clero” da Câmara dos Deputados. Mas transformou-se em figura conhecida por surgir como “papagaio de pirata” do então candidato à Presidência da República Tancredo Neves, em 1984 e 1985.

Já Luciano Ezequiel de Lima é

conhecido por vestir uma camisa azul celeste e olhar fixamente para o relógio de pulso. É a tática que utiliza para aparecer em lugar de destaque nas reportagens das tevês, no Rio. A estratégia, conhecida dos repórteres, dá certo. Afinal, por que tirar de Luciano os 15 segundos (e não os 15 minutos de que falava o artista plástico Andy Warhol) de fama, que tão ávidamente busca ao invadir os links de transmissão ao vivo? (RG e LP)

## TRAMA GOLPISTA

## Pichadora de estátua no STF é solta

A cabeleireira Débora Rodrigues dos Santos foi transferida, na noite de sexta-feira, para prisão domiciliar por determinação do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). Estava detida no Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro, no interior paulista. Ela terá de usar tornozeleira eletrônica e se submeter a outras medidas determinadas pelo magistrado — como usar redes sociais, comunicar-se com os demais envolvidos nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, dar entrevistas e receber visitas, exceto a dos seus advogados.

Débora foi flagrada pichando a frase “Perdeu, mané” na estátua da Justiça que fica em frente à sede do STF. Em vídeo que circulou nas redes sociais, pediu desculpas pelo gesto, disse que foi levada pela emoção e que vandalizou o monumento porque outra pessoa, que participava das

depredações, lhe pediu.

Ela foi detida em março de 2023 e, neste mês, a Primeira Turma do STF começou a julgá-la. Moraes, relator da ação penal, pediu 14 anos de prisão em regime fechado e foi seguido por Flávio Dino. Na sessão da Corte em que foi aceita a denúncia da Procuradoria-Geral da República contra Jair Bolsonaro por tentativa de golpe de Estado, o ministro Luiz Fux disse que considerava excessiva a pena imposta a Débora.

No mesmo dia, pouco depois de tornar-se réu, o ex-presidente fez um longo pronunciamento, em uma da saída do Senado, e citou Débora como um exemplo de perseguição a ele e a seus apoiadores pelo STF. Ele usou o caso da cabeleireira para defender a anistia aos bolsonaristas presos pelo 8 de Janeiro.

Ontem, o ex-presidente disse que a determinação de Moraes para soltá-la, com base no

pedido da PGR para que Débora migrasse ao regime de prisão domiciliar, foi um “recou tático”. “Não estamos comemorando um avanço. Estamos testemunhando um recuo tático. E ainda coberto de cinismo jurídico. A vergonha ficou grande demais para sustentar”, publicou Bolsonaro em sua conta no X (antigo Twitter).

O tempo de pena de prisão pedido por Moraes para Débora considera que, além da depredação de patrimônio público, ela se juntou a centenas de invasores que tinham como propósito a deposição do Estado de Direito. Por ter se juntado ao bando “de maneira livre, consciente e voluntária”, a cabeleireira respondeu pelos crimes de associação criminosa armada, tentativa de abolição do Estado de Direito e tentativa de golpe de Estado. Somados, esses delitos correspondem a 10 anos e seis meses — a maior parte da pena calculada por Moraes.

**O partido que entende que lugar de mulher é na política.**

**Filie-se e participe do PSD Mulher**

[www.psdmulher.org.br](http://www.psdmulher.org.br)

flickr psdmulher55 @psdmulher55 psdmulher